

BATISMO DE FOGO: IMPRENSA E MONUMENTALIZAÇÃO DA NARRATIVA SOBRE O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (1927- 1931)

Marcílio Lima Falcão

Professor do Departamento de História -
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Doutor em História Social (USP).

limafalcao34@gmail.com

Resumo

Em treze de junho de 1927, por volta das 17 horas, um grupo de cangaceiros, liderados por Lampião atacou a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Mapeados desde sua entrada no território potiguar, a trajetória dos cangaceiros foi narrada pela imprensa, especialmente o jornal *O Mossoroense*, como uma batalha entre a civilização e a barbárie. No jornal, a veiculação de telegramas, cartas e bilhetes evidenciou o horizonte de expectativa diante do famoso bandido, bem como apresentou, detalhadamente, seus crimes e estratégias de conquista. Tomando como referência documental a produção e circulação de saberes sobre os cangaceiros em *O Mossoroense*, o presente artigo tem como cerne refletir sobre o papel da imprensa na monumentalização do ataque e defesa a Lampião na cidade de Mossoró.

Palavras- Chave: Imprensa. Cangaço. Monumentalização. Mossoró

BAPTISM OF FIRE: PRESS THE MONUMENTALIZATION OF LAMPIÃO'S ATTACK TO MOSSORÓ (1927-1931)

Marcílio Lima Falcão

Professor do Departamento de História -
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Doutor em História Social (USP).

limafalcao34@gmail.com

Abstract

On 13th June, 1927, around 5pm, a group of cangaceiros, led by Lampião, attacked the city of Mossoró, in Rio Grande do Norte. Mapped since they entrance in the potiguar's territory, the cangaceiros's trajectory was narrated by the press, especially by the newspaper O Mossoroense, as one battle between civilization versus barbarism. In the newspaper the placement of telegrams, letters and notes highlighted the expectation's horizon about the famous bandit and presented in detail his crimes and achievement strategies. Taking the production and circulation of knowledge about the cangaceiros in O Mossoroense as a documentary reference, this article aims to create a reflection about the press in monumentalization of the attack and defense to Lampião, in the city of Mossoró.

Keywords: Imprensa. Cangaço. Monumentalization. Mossoró

O ataque de Lampião a Mossoró, 13 de junho de 1927, não foi nada convencional, nem, tampouco, uma surpresa para as autoridades locais, que, por meio de comunicação telegráfica com outras cidades, conseguiram armas e montaram estratégias de defesa.¹ Entre os planos arquitetados estava o zoneamento do centro da cidade com o auxílio de trincheiras, feitas de fardos de algodão na residência do prefeito, no prédio do correio e telégrafo, casas comerciais e Banco do Brasil. Enquanto isso, grande parte da população, em razão das experiências de outros vilarejos e cidades atacadas por Lampião - famosas na imprensa pernambucana pelo uso da violência, fugiu para Areia Branca, cidade litorânea distante 50km de Mossoró (CHANDLER, 1980, p. 33). Os que ficaram, esperaram silenciosamente Lampião e seus cangaceiros em diversos pontos da cidade. Armado o cerco, o bando não agiu com a mesma rapidez com que dominava a resistência local; não controlou os estabelecimentos comerciais; nem prendeu proprietários rurais e políticos inimigos.

Segundo *O Mossoroense*,² o combate ocorreu no fim da tarde de 13 de junho de 1927 e ficou conhecido como o “Batismo de Fogo de Mossoró”. Deixou um morto e um ferido, respectivamente os cangaceiros Colchete e Jararaca. A partir daí, tiveram início os rumores em torno do acontecimento, com ênfase no fracasso da empreitada de Lampião a Mossoró. Atento, portanto, ao interesse da população pelo desdobramento do episódio, o jornal passou a publicar matérias sobre a vida pessoal dos bandidos, suas intrigas familiares e seus hábitos, as quais se inseriram no cotidiano da cidade.

Preenchiam suas páginas depoimentos de cangaceiros presos após o ataque, como foi o caso de Mormaço (Francisco Ramos de Almeida) e Bronzeado (Manoel Ferreira), e matérias que narravam os detalhes da organização da invasão a Apodi e da retirada dos cangaceiros para Limoeiro do Norte (Ceará), depois do fracasso em Mossoró.

¹ Localizada no Oeste do Rio Grande do Norte, a cidade de Mossoró fica a 280 quilômetros de Natal. Considerada como a principal cidade do interior do estado, Mossoró possuía agência do Banco do Brasil e importantes casas comerciais que distribuíam produtos por toda a zona oeste potiguar.

² Fundado em 17 de outubro de 1872, o jornal *O Mossoroense* apresentou-se como Semanário, político, “commercial, noticioso e antijesuítico”. Representante do Partido Liberal, em Mossoró, defendia os interesses da maçonaria e sofria forte oposição do Partido Conservador local, dirigido pelo padre Antônio Joaquim Rodrigues. Essas rivalidades políticas se estenderam aos posicionamentos doutrinários e religiosos envolvendo o jornalista e a Igreja Católica. Para Jaime Hipólito Dantas, *O Mossoroense* passou por três momentos de funcionamento. A primeira fase (1872 a 1875) marca os conflitos com a Igreja Católica. Na segunda fase (1902 a 1935), foi dirigido por João da Escóssia (filho de Jeremias), que transformou a produção e circulação do jornal, ao utilizar xilografuras e fazê-lo circular por três vezes na semana (antes circulava quinzenalmente). Além disso, transformou o jornal no órgão do Partido Republicano Federal. Na terceira fase, sob o comando de Lauro da Escóssia, começou a circular em 1946 e foi fechado em 1964, por conta da instalação do governo militar. (DANTAS, 2002, p.33-34).

Uma semana após a invasão, *O Mossoroense* apresentou telegramas de vários lugares do Brasil congratulando, na pessoa do prefeito Rodolfo Fernandes, a população local pela exímia coragem para enfrentar os cangaceiros de Lampião. Da Capital da República, Alberto Maranhão³ deu “parabéns pela defesa e desejava votos pela tranquilidade de seu nobre povo”.⁴ De Pombal, na Paraíba, a vitória sobre os cangaceiros fora comentada por Antônio Queiroga como “um fato inusitado para o combate ao cangaceirismo no Nordeste”.⁵ De Campina Grande, sete mossoroenses⁶ que ali residiam felicitaram a cidade “pelo denodo com que houveram diante da reação ao sinistro grupo de Lampião”.⁷ De Natal, o bispo diocesano Dom José Pereira Alves enviou suas “bênçãos e applausos nobres pela generosa atitude dos queridos padres na hora heroica na defesa cathólica da Cidade” (SERVIÇO...,1927, p.02).

Dos mais diversos lugares, por meio de cartas e telegramas, autoridades civis e eclesiásticas demonstraram satisfação e respeito pela coragem dos que ficaram para defender a cidade diante dos comandados de Lampião. Depois das informações sobre as particularidades da façanha mossoroense diante dos cangaceiros, os defensores foram apresentados, então, como uma “stóica falange de bravos que nobre e heroicamente defendeu a cidade na memorável tarde de 13 de junho, repelindo, com desassombro, o sinistro bando lampeônico, cuja nefasta acção, nos diversos rincões nordestinos, tem assumido as desastrosas proporções de um terrível cataclysmo” (AVE...,1927, p.02).

Assim, o 13 de junho foi transformado em ato comemorativo e, como tal, esteve amplamente relacionado aos usos sociais, culturais e políticos da memória. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 11). Por conseguinte, cartas e poesias narraram a bravura mossoroense e encontraram na imprensa o lugar de circulação para o uso político do passado. Uma dessas composições, escrita, em 27 de junho de 1927, por Francisco Cavalcanti Rocha, e publicada em *O Mossoroense*, mostrou que a narrativa sobre o ataque estava conectada às representações que letrados e intelectuais da década de 1920 produziam sobre bandidos como Lampião e que

³ Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão foi governador do Rio Grande do Norte (1900-1904 e 1908-1914) e deputado federal (1927-1929).

⁴ Vale ressaltar que esses telegramas foram enviados entre os dias 14 e 17 de junho e publicados em 26 de junho. SERVIÇO Telegráfico. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

⁵ Ibid., p. 02.

⁶ João Franco Filho, Orlando Rangel, Torres Galvão, João Aprígio Pereira, Joaquim Azevedo, João André e Arthur Cardoso.

⁷ SERVIÇO Telegráfico. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

circulavam na imprensa como forma de representar o criminoso como selvagem (SCHWARCZ, 1993, p. 166).

Intemerada gleba, unida e forte
Na batalha quebrasse a vil magia
De Lampeão, cujo estandarte e guia
É a pilhagem, o sangue, o luto, a morte.

Heróica Mossoró – honra do Norte
Venceste, com denodo e galhardia
O fero bando de rapina
Que só te desejava infausta sorte.

Ensarihaste armas de combate,
Tocas para o abismo heroico de rebate
Marchaste para a lucta e para a glória!
Na punga conquistaste áureos thesoiros
Doiram-te a frente immarcessíveis loiros,
Heraldicos emblemas da victória! (AVE...,1927, p.02)

A temporalidade de acontecimentos destacada no soneto apresenta o ataque dos cangaceiros como uma invasão da barbárie na cidade. Para Francisco Cavalcanti, Lampeão era a representação da violência, selvageria e ignorância produzidas no interior de um espaço calcinado por males há muito denunciados na imprensa, como o coronelismo e o cangaceirismo. Esse discurso ratificou a narrativa (jornalística) que apontou a defesa da cidade como uma vitória da ordem, do progresso e da civilização.⁸

Com efeito, há uma aproximação do trabalho do jornalista com o do poeta quando ambos buscam conceituar o lugar dos cangaceiros na sociedade durante a década de 1920. O primeiro narra a cotidianidade das informações sobre o ataque/defesa lhes dando uma sequência processual, ao passo que o outro “elabora e agencia os elementos escolhidos segundo uma ordem que conduz a um todo” (MACHADO, 2000, p. 01-08). A convergência dessas diferentes formas de narrar reside no fato de que, dispondo da visão geral sobre o acontecimento, o poeta constrói seu discurso a partir de uma sequência temporal e de um conjunto de interesses predeterminados que “estrutura a ação” e lhe dá sentido (MACHADO, 2000).

⁸ Pelos jornais das décadas de 1920 e 1930 foi comum a circulação de leituras e interpretações sobre as teses da Escola Positivista, especialmente àquelas defendidas pelo italiano Cesare Lombroso que defendeu ser o criminoso nato, um sujeito “com anomalias e estigmas atávicos, padecendo de uma predisposição pessoal ao delito” (DOMINGUES, 2017, p. 23-24)

Nas páginas de *O Mossoroense* o cangaceirismo foi o principal caminho para os comentários sobre a fama nacional de Lampião e a divulgação da coragem da cidade em combatê-lo. Aos leitores do jornal chegavam informações que iam dos deslocamentos do bando aos ataques que praticaram. Essa temática, ao longo do segundo semestre de 1927, foi movida, na imprensa, pela dicotomia entre a violência dos cangaceiros e a coragem dos defensores mossoroenses.

No primeiro momento, essa lembrança foi vista como trágica, pois as matérias jornalísticas evidenciaram o desespero da população antes e depois do ataque. Entretanto, dois meses após a investida de Lampião, *O Mossoroense* priorizou a vitória da cidade frente ao mais famoso e perigoso bandido do Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Daí em diante, o discurso jornalístico direcionou as matérias no sentido de evocar o passado, isto é, de uma monumentalização do 13 de junho, fato efetivado nas comemorações anuais sobre o acontecimento (LE GOFF, 1996, p. 535-539).

A transformação das narrativas sobre o ataque de Lampião em monumento da história mossoroense pode ser entendida dentro dos próprios interesses de *O Mossoroense* em tornar-se guardião do passado da cidade, uma vez que seus proprietários (Família Escóssia) se apresentavam como vanguarda dos principais acontecimentos históricos: Motim das Mulheres (1875), Abolição da Escravidão (1883) e defesa ao ataque de Lampião(1927).⁹

É importante notar que as interpretações ligadas ao fato, produzidas pela leitura dos jornais, foram de encontro às expectativas produzidas no calor do acontecimento, mas isso não quer dizer que a monumentalização do 13 de junho tenha se efetivado logo nas primeiras comemorações, haja vista que a seleção e significação dos textos que mantêm contato ou se apropriam da temática se dá “a partir de [...] referências individuais ou sociais, históricas ou existenciais” (CHARTIER, 2011, p. 20). Posto isso, é correto afirmar que as narrativas do jornal não são hegemônicas diante das diferentes formas de ler e apreender a visão que o periódico tentou imprimir aos leitores. Exemplo dessa constatação é a trajetória do cangaceiro

⁹ A origem da Família Escóssia foi permeada pelos atritos envolvendo a Igreja Católica e a Maçonaria. Em 1873, Jeremias da Rocha Nogueira (Liberal e maçom) teve o batismo de seu filho negado pelo vigário Antônio Joaquim (representante do Partido Conservador), por serem os pais e padrinhos membros da maçonaria. Tal situação, levou Jeremias Nogueira a batizar o filho na Loja 24 de Junho, com o nome de João da Escóssia Nogueira. Entre os acontecimentos que tiveram participação dos Nogueiras/Escóssias estão o Motim das Mulheres – movimento liderado por Ana Floriano, mãe de Jeremias da Rocha Nogueira, contra as listas de arregimentação para a Guerra do Paraguai; a suposta participação de *O Mossoroense* no processo de combate a escravidão e a cobertura jornalística feita por Lauro da Escóssia durante o ataque dos cangaceiros liderados por Lampião. (ROSADO, 1998, p. 21-22).

Jararaca que, de algoz à vítima da resistência, foi exterminado no silêncio da noite de 19 de junho de 1927.

Essa relação de forças constituiu-se, portanto, o canal da construção de uma memória oficial, bem como propiciou perceber uma memória que ficou à margem, especialmente a relacionada às devoções religiosas ao cangaceiro Jararaca (FALCÃO, 2014, p. 143-158). De modo mais claro, as ações de *O Mossoroense* em providenciar as comemorações do 13 de junho explicam como, no interior da redação, foi se constituindo um passado memorável para a cidade, expresso anualmente como o espaço de remissão do Nordeste ao cangaceirismo.

Com efeito, o lugar construído para Mossoró após a luta contra Lampião foi agenciado no jornal *O Mossoroense* através da relação que as matérias sobre o ataque mantiveram com o sentido e uso dado às comemorações do 13 de junho. Se por um lado, os crimes que os cangaceiros praticaram em suas andanças foram narrados com o objetivo de sensibilizar o leitor diante dos horrores que o “senhor do sertão” e seus comandados deixaram ao longo do caminho em suas experiências no mundo do crime desde as primeiras décadas do século XX, por outro evidenciavam o uso político que a defesa da cidade auferia as autoridades locais como ficou expressa nas cartas que circularam no jornal (GRUNSPAN-JASMIN, 2006, p. 117).

Uma destas correspondências foi enviada pelo professor Almeida Barreto, de Serra Branca - Estado da Paraíba, ao prefeito Rodolfo Fernandes. Publicada em *O Mossoroense* em 07 de agosto de 1927, a carta apresentou a aflição de um homem que só teve conhecimento pormenorizado dos acontecimentos envolvendo a cidade e os cangaceiros em 08 de julho. Seu autor, comentou ainda que “por onde tem passado escuta com prazer e orgulho os elogios francos e espontâneos a bôa terra de que sou filho. Por ora, é o que vai-me matando a saudade da gleba natal” (CARTA..., 1927, p.02).

A mensagem da carta revela o orgulho de Almeida Barreto em pertencer à cidade. Ao mesmo tempo, mostra que a distância que o separa de sua terra foi compensada pelo prazer em ouvir os comentários construídos em torno de um fato memorável – a resistência a Lampião. Almeida Barreto também cita a coragem e determinação de Rodolfo Fernandes como político e defensor mossoroense.

A você, meu distinto amigo, envio congratulações, como representante deste povo manso e forte, que teve o bom senso de eleger-lo Prefeito e bem avisado será se o conservar por muitos anos neste posto de sacrifício, sim, mas, de defesa e melhoramentos nunca dantes registrados nesta cidade. Conheço bem o seu caráter rijo e tolerante, servido por uma inteligência positivamente prática para conhecer os homens e o de que hão necessidade. Continue a realizar o seu programma, como estava fazendo na phase pacífica, desde que passou a furia canibalesca dos bandidos (CARTA..., 1927, p.02).

Três meses depois, acometido de séria moléstia pulmonar, Rodolfo Fernandes não teve tempo de usufruir politicamente dos frutos da resistência aos cangaceiros, tendo morrido em 11 de outubro de 1927, no Rio de Janeiro. Mesmo assim, sua trajetória continuou a ser narrada pelo jornal *O Mossoroense*, que o pintou como herói na defesa contra os cangaceiros.

Nessa nova configuração do 13 de junho, construída pela imprensa, a carga simbólica da presença de Lampião, cujo expoente mais visível foi o pavor que levou a população mossoroense a evacuar a cidade, é preterida em favor da construção da glória da resistência, um passado limpo e heroico. Isso fica claro na matéria a seguir:

13 de junho!

A data de 13 de junho, transcorrida quarta-feira última, assignalou o primeiro anno em que nossa pacata e ordeira cidade assistio uma das passagens mais tormentosas de sua história, repelindo nesse dia fatídico, com a bravura dos seus filhos e dos seus habitantes, a diabólica empreitada do sinistro e famoso quadrilheiro – Virgulino Ferreira (Lampeão) – o jaguar bravio dos Sertões, que, capitaneando uma sucia facinorosa de sanguinários, ladrões e deturpadores insaciáveis dos sagrados direitos, da paz, da dignidade e da honra, tentou invadir o nosso pequenino território, com o fim único de se locupletar dos nossos haveres, deixando-nos a desolação e a dor, a orfandade, o luto e a viuvez (inelegível) na tarefa ininterrupta de espalhar por todos os recantos do nordeste o macabro véo de misérias de que vinha sendo o principal protagonista.

Falhou, entretanto, o plano do famoso bandido, que foi obrigado a uma retirada precipitada pela pujança dos bravos filhos desta gleba. E não mais se varrerá da nossa memória esse dia tétrico para a nossa história! (13 DE JUNHO..., 1928, p.02)

Não se pode negar, no entanto, que a popularidade nacional de Lampião foi imprescindível à operacionalização que resultou no heroísmo mossoroense, construído sobre os escombros da destruição do mito da invencibilidade do rei do cangaço. Com efeito, a capacidade de organização da cidade aparece como exaltação ao futuro, reforçada pelo reconhecimento da sua resistência ante a investida dos cangaceiros.¹⁰ Por conseguinte, “sua glória estaria em

¹⁰ Muitas foram as volantes organizadas por inimigos pessoais de Lampião, como as comandadas por Euclides Flor e Davi Gomes Jurubeba (GUEIROS, 1953, p. 179).

tripudiar sobre a fama do bandido, infundindo, na identidade de Mossoró, a ideia de povo corajoso, heroico, amante da liberdade” (DUTRA, 2011, p. 105).

À época do ocorrido, Mossoró não era pequena e Lampião não mensurou a capacidade de organização da defesa pelas autoridades municipais. Com uma população acima de 20.300 habitantes, a cidade era uma praça comercial com agência bancária (Banco do Brasil) e um porto, por onde a circulação de mercadorias entre Recife e Fortaleza era intensa.¹¹

Com casas comerciais importadoras de produtos europeus e outras exportadoras de algodão para a Europa, Mossoró não era como os vilarejos e pequenas cidades que Lampião costumava atacar. Seu pujante comércio a transformou no centro da circulação das riquezas em torno do Oeste do Rio Grande do Norte. Na imprensa do século XX, seus ares de modernidade, apareceram na caracterização do perfil econômico, na estrutura urbana e nos equipamentos culturais, aspectos que contrastaram com as narrativas sobre os cangaceiros, maiores representantes do sertão como lugar de violência e acordos políticos (FERNANDES, 2009, p. 47).

Qualificado como “o jaguar bravo dos sertões”, Lampião foi narrado pela imprensa a partir da violência empregada contra os inimigos e pelas articulações com os coronéis coiteiros que, para além da função de proteger, também forneciam “mantimentos, munição e dinheiro. Eram eles os elos de ligação entre o comércio formal e o grupo de cangaceiros, adquirindo provisões para longas temporadas e munição necessária para os combates e assaltos” (MONTEIRO, 2004, p. 71).

Essas informações alimentaram a narrativa jornalística sobre a dicotomia entre civilização e barbárie a ponto de tecer pela imprensa, a fabricação da resistência de Mossoró como um lugar de combate ao cangaceirismo no Nordeste brasileiro.¹² Diante disso, a estratégia de *O Mossoroense* foi incentivar e aproximar seus leitores das comemorações do 13 de junho o que

¹¹ Tinha o maior parque salineiro do Brasil, três firmas de descaroçar e prensar algodão, agência do Branco do Brasil, três jornais, dois estabelecimentos de ensino secundário (Escola Normal e Escola de Comércio), dois colégios com internato (Colégio Diocesano para rapazes, e o Sagrado Coração de Maria para as moças), Loja Maçônica 24 de Junho, Cine-Teatro Almeida Castro e dois clubes de futebol: Ipiranga e Humaitá (FERNANDES, 2005, p. 23-28).

¹² O conceito de Lugar é entendido aqui, como o estabelecimento de uma ordem construída na relação de forças que agem sobre um determinado referencial. No caso de Mossoró, a resistência aos cangaceiros foi narrada a partir da dicotomia civilizado/selvagem, campo/cidade (CERTEAU, 2007, p. 202-203).

resultou em meio de controle das narrativas sobre o episódio, de modo que a cidade fosse glorificada.

Apesar de outros jornais que circulavam na cidade terem publicado matérias sobre a invasão de Lampião, foi *O Mossoroense* que inseriu o 13 de junho no calendário cívico da cidade.¹³ Percebe-se que todo o esforço consiste em mantê-lo como referência a esse passado glorioso, daí a diferença entre o 13 de junho de 1927 do 30 de setembro de 1883, data da libertação dos escravos de Mossoró. Na invasão, o jornal circulava e expressava os interesses ligados às autoridades municipais, outro motivo para a fabricação da memória oficial, enquanto que na libertação dos escravos o jornal não circulava e teve que, ao retornar no início do século XX, fazer uma apropriação das narrativas sobre a libertação. Para tanto, promoveu o esquecimento do jornal cearense *Libertador*, o qual acompanhou todo o processo que culminou no fim da escravidão local.¹⁴

Com esse intuito, na edição de 24 de julho de 1927, o jornal republicou matéria que circulou no periódico fortalezense *A Farpa*, na qual Lampião é apontado como o sujeito pivô da maioria das articulações entre coronéis e bandidos.

Prêso, por ventura, Lampeão, não o fuzilem; conduzam-no, tragam-no para cá, a fim de que, a luz do seu depoimento, se desmascarem as rameiras moraes que o protegiam na sombra!

Espera-se que Lampeão, uma vez prêso seja fuzilado. É o que, se deduz da acção governamental. Um erro e uma imprevidência.

O bacamarteiro villa-bellense não pode receber logo a morte. Isso por uma simples, mas importantíssima razão: batido, agulhâdo, trazido à face a justiça, elle a mácula ambulante do Nordeste, rasgaria o véu do silêncio e da sombra, apontando os tarimbeiros Moraes que tanto o hão protegido. (PRÊSO..., p.1927, p.02)

¹³ Em Mossoró, circulavam três jornais: O Mossoroense, Correio do Povo e O Nordeste.

¹⁴ O *Libertador* era o órgão da Sociedade Libertadora Cearense. Em seu primeiro número (01 de janeiro de 1881) fez uma análise da situação brasileira em meio à escravidão, apontando o número de escravos ainda existentes no país e os pequenos avanços que a questão havia tido nos espaços de discussão. Aponta a lei de 28 de setembro de 1871 como algo importante, mas que não conseguiu alavancar um processo mais consistente para a questão servil. Ademais, defendeu que “sua missão é de amor, mas não vem trazer a paz [...] a liberdade só combate com a espada, porque a tyrannia não cede à razão e nem conhece o direito”. O lema em seu estandarte é tomado de empréstimo da Revolução Francesa e, em francês, concluiu o editorial: *allons, enfants de la patrie! Le jour de la gloire est arrivé!* PROGRAMA. *Libertador*, Fortaleza, p.1, 01 jan. 1881.

Como uma das grandes preocupações dos governos dos Estados do Norte, o cangaço era a vertente do banditismo que mantinha as mais fortes relações com os proprietários rurais envolvidos na política. Os cangaceiros, a serviço destes poderosos, perseguiram inimigos políticos e saqueavam fazendas e cidades.

Assunto intenso nos círculos do poder mesmo uma década antes do ataque de Lampião a Mossoró, o cangaceirismo era uma tônica entre os artigos que circularam na imprensa na segunda década do século XX e que apontaram para questões como a sua origem e os fatores que permitiram sua existência, entre eles o apoio dos coronéis e a ineficiência governamental em combatê-lo (PERICÁS, 2010, p. 52)

Discutido por Gustavo Barroso desde 1917, em *Heróis e Bandidos: os cangaceiros do Nordeste*, o fenômeno aparece ligado à proteção que os bandidos recebiam dos políticos, principalmente no Ceará, sendo justificado pela carência de justiça, comunicação, instrução, educação e trabalho organizado, bem como pela necessidade de uma ordenação dos Estados em combater intensamente o banditismo (BARROSO, 2012, p 17-77).

Na análise de diversas críticas tecidas pelo jornal *O Mossoroense* aos governantes cearenses e ao Padre Cícero, que apoiaram os cangaceiros, é possível confirmar a imagem do nordeste brasileiro como espaço da barbárie, que teve no cangaceirismo e misticismo polos complementares (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 199). Sendo assim, a diferença entre o Ceará e Rio Grande do Norte residiria na afirmação de Mossoró como terra livre do banditismo, fato questionado por Honório de Medeiros, que diz ser ilusória a harmonia existente entre os coronéis potiguares, uma vez que a invasão dos cangaceiros a Mossoró foi consequência da invasão de "Apodi e de uma circunstância inesperada: a chegada de Lampião. Apodi, por sua vez, foi consequência das brigas entre coronéis norte-rio-grandenses e paraibanos disputando o poder".¹⁵

Indiscutivelmente, as relações dos cangaceiros com os coronéis eram fortes e pode ser comprovada na leitura do artigo "Lampeão e seu séquito", publicado em 17 de julho de 1927, em *O Mossoroense*. O texto denuncia a estratégia de Lampião para circular no Ceará com o apoio de políticos.

¹⁵ Ver: AS DECLARAÇÕES do cangaceiro Bronzeado do grupo de Massilon. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 2, 24 jul.1927 (MEDEIROS, 2010, P. 178).

A perseguição a Lampeao no estado do Ceará tem sido uma vergonha. É sabido na Estrada de Ferro de Baturité, que o senhor Izaias Arruda, prefeito de Missão Velha, é um celebre protetor de Lampeão e que este senhor havia subido conduzindo muita munição de fuzil. Ora Lampeao ao abandonar o município de Lavras, perseguido pelos irmãos Augustus, assim o fez desmuniado; ao transpor, entretanto, o município de Aurora, é sabido por todos que o mesmo já ia bem muniado, tendo igualmente encontrado animaes preparados para uma fuga, não se sabendo, porém, quem os forneceu. (LAMPIÃO..., 1927, p.01)

As informações acima refletem os discursos construídos para o Rio Grande do Norte e Ceará no que tange à relação de suas autoridades com os cangaceiros. Era comum *O Mossoroense* afirmar que políticos do Ceará eram protetores de Lampião, enquanto os norte-rio-grandenses se eximiam da política estabelecida entre os coronéis de ambos os Estados com os cangaceiros. Evidência disso é o apoio do líder político da cidade cearense de Aurora, Isaías Arruda, na empreitada de Lampião ao Rio Grande do Norte.

É importante notar que as negociações entre políticos e cangaceiros eram marcadas por um fino fio de fidelidade, muitas vezes deixada de lado em razão dos interesses envolvidos, como foi o caso da traição que o coronel Isaías Arruda organizou para envenenar o grupo de Lampião quando retornavam do frustrado ataque a Mossoró. Segundo *O Mossoroense*:

Ao pé da serra do Cachimbo, no Município de Aurora, Lampeão estava abaixo de regular cerco das forças cearenses, tendo o senhor Izaias Arruda, planejado uma cilada contra o mesmo bandido, mandando que 8 homens seus fossem se incorporar ao grupo, e que, quando o mesmo estivesse bem localizado viesse um homem avisalo. assim aconteceu. Um conseguiu se desligar e informou que o grupo estava a légua e meia do ponto ocupado pelas forças do major Moysés em um cercado de propriedade de Izaias; Fazendo este uma escolha de homens, improvisou tal cerco, em seguida ateando fogo no cercado, resultando disto a fuga de Lampeão, o que parece tem sido adredemente preparado. Neste cerco Lampeão deixou um bandido morto o qual se presume ter sido o tal “Capaxu”. (LAMPIÃO..., 1927, p.01)

Além da aliança com os coronéis, os cangaceiros possuíam uma “rede de informantes e espiões que avisavam sobre os movimentos da polícia” e os precaviam, às vezes, contra os próprios coronéis (LUSTOSA, 2011, p. 53). Acusado de incentivar o ataque, Isaías Arruda aparece no jornal *O Mossoroense* como o responsável pela chegada de Lampião às terras potiguares, cuja caminhada deixou um rastro de destruição e prisões de pessoas pelas quais cobrava vultosa quantia pelo resgate. Um dos prisioneiros na empreitada a Mossoró foi o coronel Antônio Gurgel, por quem os cangaceiros exigiam 21 contos de réis para sua soltura. Sem o pagamento do resgate, dias após o fracasso em Mossoró, o coronel acabou libertado,

juntamente com outra refém, Maria José (63 anos), em Limoeiro do Norte –Ceará – (BRITO, 1996, p. 19).

Esse episódio fez surgir discussões sobre a relação entre Lampião e os reféns. Para Isabel Lustosa, os prisioneiros “foram libertados sem pagamento porque o bando tinha se afeiçoado aos reféns” (LUSTOSA, 2011, p. 56). Em direção contrária a essa interpretação, Honório de Medeiros, ao citar o trabalho do pesquisador Marcos Pinto, intitulado *Datas e notas para a história de Apody*, aponta que a articulação do coronel Tilon Gurgel para libertar seu irmão, coronel Antônio Gurgel, dos cangaceiros só é compreensível diante de sua possível participação e a do coronel Benedito Saldanha na organização do ataque de Apodi. Tal argumento foi sustentado a partir da associação entre o relatório do Capitão do Jacinto Tavares, chefe de polícia da cidade de Apodi, e o depoimento do cangaceiro Bronzeado, onde apontou-se a relação entre os coronéis residentes em Apodi e Isaías Arruda (MEDEIROS, 2010, p. 131-135).

Sem dúvida, *O Mossoroense* tem papel importante tanto no mapeamento dos cangaceiros como no acompanhamento dos fatos após o combate, uma vez que foi o jornal que divulgou os primeiros relatos sobre a invasão e resistência da cidade e investiu na transformação do 13 de junho em data cívica, como fez, anteriormente, com a libertação local dos escravos.

O ataque de Lampião e seu bando ficou em evidência em suas páginas por bastante tempo, mas, aos poucos, foram surgindo outros desdobramentos relacionados ao episódio. Na edição de 22 de maio de 1927, por exemplo, o jornal procurou mostrar a articulação do prefeito Rodolfo Fernandes em arregimentar recursos para a defesa da cidade. A matéria informa que foram comprados rifles e agilizou-se a criação da Lei Municipal nº 85, que o “autorizava a criar um corpo de Guardas Municipaes, com o effectivo que entender necessário para a defesa do Município, podendo dissolve-lo quando se normalize a presente situação pelo afastamento ou extinção do banditismo” (ORGANIZAÇÃO..., 1927, p.02). Todo o esforço em preparar uma resistência a Lampião fez dos homens arregimentados uma força bem armada e estrategicamente posicionada nos principais pontos do centro da cidade.

Já nos primeiros anos após a tentativa de invasão fracassada, a temática do banditismo continuou sendo o ponto de partida das discussões apresentadas pelo jornal. Entretanto, teve início um ciclo de matérias com críticas ao governo pela inoperância diante do problema.

Exemplo de publicação com esse teor é o artigo de Lauro da Escóssia, que tratou do banditismo e da ineficiência do governo em não o resolver.

Hoje, apesar do saneamento que se está fazendo, Lampeão ainda continua trazendo sobressaltadas as populações do norte, ampliando a sua horda sanguinária de elementos do cangaço, sendo indiferente ao governo provisório a vida ou a morte de seu povo.

E a mais irrefutável prova do indifferentismo do poder central é o facto de já se está escoando o oitavo mez do movimento de Outubro sem ao menos aparecer, além de cogitações, uma medida que possa extinguir essa mancha do sangue que pesa ao nosso povo.

A expedição Chevalier, o offercimento do major Juarez Távora para combater Lampeão, tudo irrealizável, tudo (mutilado), desafiando a força dos governos dos Estados pequenos, implantando o terror às populações do Norte, transpõe fronteiras, saqueando, incendiando, depredando, roubando, matando, sem encontrar um tiro que o proste para sempre.

Se hontem elle era a vergonha da legalidade, hoje, é a vergonha do novo regimen!
(O EXTERMÍNIO..., 1931, p.01-02)

Lauro da Escóssia viu no banditismo uma mácula tão nefasta quanto a seca na região e acusou o Governo Vargas em não criar mecanismos eficazes para solucionar a questão do cangaceirismo. Para o autor, a presença de grupos cangaceiros era resultado do já comentado apoio que os coronéis davam aos bandidos em troca dos serviços prestados diante de seus desafetos políticos, e sua solução não se concretizava pela falta de ações políticas voltadas ao combate desse problema social.

As críticas, em geral, apontam para o problema da força que muitos políticos possuíam diante dos grupos armados que assolaram o interior dos estados nordestinos e de suas brigas internas pelo poder. De um lado, arregimentaram os bandos de cangaceiros e, de outro, estabeleceram as forças volantes em rivalidades que envolveram disputas políticas, lutas por terras e vingança por crimes de parentela.

Divulgada nos jornais e em livros, dentre eles *Lampeão: sua história*, escrito pelo jornalista Érico de Almeida, em 1926, e *Lampeão: documentário*, do médico Ranulfo Prata, publicado em 1934, a relação entre coronéis e cangaceiros rendeu muitas batalhas impressas, nas quais as atrocidades cometidas eram usadas como forma de denunciar as disputas entre os grupos políticos da região.

O trabalho de Érico Almeida foi uma encomenda do Presidente da Paraíba, João Suassuna. É, na verdade, um texto biográfico. No primeiro capítulo, trata das ações do governante no combate ao banditismo. Posteriormente, o autor concentra-se nos fatores que motivaram a entrada de Lampião no cangaço e nos crimes cometidos em sua trajetória de bandido. Aponta, portanto, as relações que estabeleceu com outros cangaceiros, como Antônio Silvino e Sinhô Pereira, único líder de Lampião no cangaço, bem como as transformações que suas atitudes no mundo do crime provocaram no interior do Nordeste brasileiro, dando sequência a uma onda de crimes bárbaros contra fazendeiros e volantes.

Ranulfo Prata, por sua vez, trata de forma mais aprofundada as relações entre coronéis e cangaceiros, através de análises referentes à ação dos governos dos Estados e do Governo Federal frente ao cangaceirismo, teceu críticas ao completo abandono a que a região estava submetida, tanto pela violência dos cangaceiros como pela ferocidade das Forças Volantes que os perseguiram.

Conforme se observa, as obras apontam a necessidade de ações governamentais voltadas ao combate ao cangaço. Na avaliação de Ranulfo Prata, o insucesso diante do problema do cangaceirismo ocorreu pela falta de planejamento dos governos e pela força do privatismo dos proprietários rurais. Para ele, as relações de reciprocidade entre as esferas governamentais alimentaram o enfraquecimento dos municípios e o tornaram indicador da relação de compromisso entre o poder público e os chefes locais, dentro de uma estrutura agrária que continuou a fornecer a “base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil” (LEAL, 1997, p. 40).

O texto de Lauro da Escóssia, entretanto, revela a tentativa de afastar as articulações políticas locais da culpa da não solução do problema do banditismo. Essa intenção é perceptível quando ele transfere o ônus da permanência do cangaceirismo para a esfera federal, apresentando ainda relações de poder em outro Estado, como foi o caso da associação entre Lampião e o coronel Isaiás Arruda, apontado como a raiz e, ao mesmo tempo, catalizador das formas de sobrevivência desse sistema político inoperante. Desse modo, Lauro da Escóssia fez de sua análise a reafirmação do discurso de que o Rio Grande do Norte era exceção nas relações coronelísticas com o banditismo.

Porém, na busca pela conquista de Mossoró, Lampião também esteve entre coronéis do Estado que participavam ativamente da política de seu tempo, com destaque para Rodolfo

Fernandes - filho de forte família política local, proprietário rural e industrial ligado ao setor salineiro, com membros da família no Congresso Nacional. Esse é um forte indício de que, provavelmente, não se eximisse dos embates políticos do sistema que encontrou na “fraqueza financeira dos municípios um fator que contribui relativamente para manter o coronelismo, na sua expressão governista” (LEAL, 1997, p. 66). Todavia, isso não foi problema para que fosse visto como o político que alavancou o desenvolvimento urbano da cidade através de melhorias, como a construção de calçamento de ruas, criação de praças, canalização de água, melhoramentos na limpeza, higienização e medidas de disciplinamento social, entre elas o combate ao jogo do bicho e fechamento de cabarés (RODOLPHO..., 1927, p.01-02).

Aclamado pelo jornal *O Mossoroense* como herói da vitória da cidade diante de Lampião, o coronel Rodolfo Fernandes contribuiu para que o 13 de junho passasse de “página negra da história” a “passado glorioso da cidade”. A valorização da imagem do coronel como o articulador da defesa de Mossoró aos cangaceiros e merecedor de júbilo foi construída através da veiculação de matérias que apontam sua determinação e coragem diante de Lampião.

O atentado contra Mossoró perdurará através de longos annos, com um brado de indignação à praga horrenda do cangaceirismo que ainda constitue para a vida do nordeste um dos graves problemas a exigirem a acção urgente de combate por parte dos governos. Se não houve victimas a lamentar, se a tentativa foi inútil, a tanto devemos à acção dos intrépidos defensores que, à semelhança de verdadeiros guardas das Termophilas fizeram com que a audaciosa cáfila captulasse deante a fuzilaria estratégica dos primeiros momentos de combate; devemos à impoluta austeridade do então prefeito municipal cel. Rodolpho Fernandes, varão querido já em vida e que tem hoje o seu nome aureolado na gratidão imorredoura e no respeito profundo de todos os mossoroenses. 13 de Junho- feito um dia festivo para Mossoró por uma lei de nossa Edilidade, não é mais do que a significativa homenagem do que nos é dado prestar à memória de Rodolpho Fernandes, e à gratidão aos que se expuseram à fúria da arremetida lampeônica de encontro aos umbraes da cidade. (EVOCANDO..., 1932, p.04)

A imagem de Rodolfo Fernandes como herói da resistência ganhou forma e dimensão no momento em que ele foi eximido das típicas características dadas aos coronéis da Primeira República. Sua entrada no panteão imaginário da cidade o fez mártir, de modo que apontaram sua prematura morte como resultado da resistência que organizou e dirigiu com “rapazes do comércio contra os facínoras durante vários dias, evitando, assim, o saque e a carnificina que a Mossoró estavam prometidos pelos bandidos. Isto lhe custou forte abalo em sua saúde, o que determinou a sua vinda ao Rio”¹⁶.

¹⁶ Rodolfo Fernandes morreu, segundo *O Mossoroense*, vitimado por um edema pulmonar. Seu sepultamento foi acompanhado por inúmeros políticos potiguares, entre eles Juvenal Lamartine, presidente eleito do Rio Grande

A receita da monumentalização encontrou na fabricação do herói sua fase conclusiva. A narrativa do sacrifício da vida em favor do bem comum é o batismo de fogo pelo qual passou a cidade dita ordeira e pacata. Vencer Lampião e morrer em decorrência dessa vitória fez de Rodolfo Fernandes o primeiro resistente influente na composição da nova data do calendário cívico que *O Mossoroense* construiu para manter o passado no presente, por meio da narrativa jornalística que construiu nos escombros do medo e nas ruínas da morte, um passado sem rupturas, glorioso, apto a ser comemorado e usado politicamente.

FONTES

13 DE JUNHO. Ibid., Mossoró, p. 02, 17 jun.1928.

AVE Mossoró! **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 03 jul.1927.

CARTA de Sucuru. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 ago.1927.

EVOcando a página negra da história de Mossoró. Ibid., Mossoró, p. 04, 12 jun. 1932.

LAMPEÃO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07 ago.1927.

LAMPEÃO e seu séquito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 17 jul.1927.

ORGANIZAÇÃO de nossa defesa feita pelo governo do Estado – contra o banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 22 de maio 1927.

O EXTERMÍNIO do banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, jun. 1931.

PRÊSO, por ventura, Lampeão, não o fuzilem. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 24 jul.1927.

PROGRAMA. **Libertador**, Fortaleza, p.1, 01 jan. 1881.

RODOLPHO Fernandes de Oliveira Martins. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, 16 out.1927.

SERVIÇO Telegráfico. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

REFERÊNCIAS

do Norte, o Senador Ferreira Chaves, os Deputados Federais Alberto Maranhão, Rafael Fernandes, Dioclésio Dantas Duarte, Eloy de Souza e várias outras figuras de destaque da sociedade mossoroense. Cf. RODOLPHO Fernandes de Oliveira Martins. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 16 out.1927.

ALBUQUERQUE JUNIOR. **Nordestinos**: a invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

ALBUQUERQUE JUNIOR. *A necessária presença do outro – Mas, qual outro?* reflexões acerca das relações entre história, memória e comemoração. In: CEBALLOS, Rodrigo; BEZERRA, Josineide da Silva (org.). **História, Memória e Comemorações**. Campina Grande: EdUFCG, 2012.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos**: os cangaceiros do Nordeste. 2. ed. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2012.

BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião** – Diário do coronel Antônio Gurgel. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. 1996. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 910).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 5.ed. São Paulo: Edições Liberdade, 2011.

DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un, 2002.

DOMINGUES, Petrônio. O “Corisco Preto”: cangaço, raça e banditismo no Nordeste brasileiro. **Revista de História**, São Paulo, n. 176, 2017.

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2011.

FALCÃO, Marcílio Lima. Nos escombros da morte: as comemorações da resistência mossoroense ao bando de Lampião e as devoções ao cangaceiro Jararaca. In: BALBINO, Bruno; ESTEVAM, Saul (org.). **História do Rio Grande do Norte**: novos temas. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró**: uma cidade impressa nas páginas de O Mossoroense (1872-1930). 2009, 121f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2009.

FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião**: senhor dos sertões: vidas e mortes de um cangaceiro. São Paulo: EDUSP, 2006.

GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memória de um oficial ex-comandante de volante. 3. ed. São Paulo: [s.n.], 1953.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP, 1996.

LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião**: violência e esperteza. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

MACHADO, Ronaldo Silva. História e Poesia na Poética de Aristóteles. **Mneme** - Revista de Humanidades. Caicó, v.1, n. 01, p. 01-08, ago/set. 2000.

MEDEIROS, Honório de. **Massilon**: nas veredas do cangaço e outros temas afins. Natal (RN): Sarau das letras, 2010.

MONTEIRO, Roberto Pedrosa. **O outro lado do cangaço**: as forças volantes em Pernambuco – 1922-1938. Recife: Ed. Do Autor, 2004.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

PINTO, Marcos. **Datas e notas para a história de Apody**. Mossoró: Fundação Vingt- un Rosado. (Série C, v. 1164).

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Escóssia**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 989).

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em 31 de maio de 2018

Aprovado em 07 de julho de 2018